

## **Mercado de trabalho brasileiro em 2016 e perspectivas para 2017**

Os dados revelam que 2016 foi mais um ano de corte de empregos e as projeções indicam que o mesmo ocorrerá em 2017, mas em menor intensidade.

## **Atividade industrial recua em outubro e renova recorde negativo**

O resultado não descarta a expectativa de reação, que deverá ser, contudo, muito lenta, próxima da estagnação.

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL**

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

**UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS**

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Mercado de trabalho brasileiro em 2016 e perspectivas para 2017

Os dados revelam que 2016 foi mais um ano de corte de empregos e as projeções indicam que o mesmo ocorrerá em 2017, mas em menor intensidade.

Após um ano de 2015 desastroso, onde 1,5 milhão de postos de trabalho foram fechados, 2016 será novamente marcado pelo corte expressivo de empregos. Segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho, entre janeiro e outubro, o número de demissões superou o de contratações em 751,8 mil. O resultado é menos negativo em comparação com o mesmo período do ano passado, quando o saldo foi de 786,7 mil vagas destruídas. Desde o início da atual crise, no segundo trimestre de 2014, já foram fechados 2,3 milhões de postos de trabalho no Brasil, levando o estoque de vínculos ao mesmo nível de 2012 (47,3 milhões).

O único fator positivo em 2016 foi a desaceleração na destruição de vagas observada nos últimos meses. Após uma sequência de 12 meses com resultados negativos crescentes relativamente a igual período do ano anterior, desde abril os dados mostram quedas menos intensas que os respectivos meses de 2015. Com isso, o saldo líquido de geração de empregos no acumulado em 12 meses, que chegou a 1,8 milhão de empregos fechados em março de 2016, atenuou a tendência negativa, alcançando a marca de 1,5 milhão de vagas extintas em outubro, o mesmo patamar do final do ano passado.

Entre os grandes setores da economia brasileira, nos primeiros dez meses do ano, com exceção da Indústria, todos os outros apresentaram um desempenho pior em 2016, na comparação com 2015, em termos de geração de empregos.

O setor de Serviços acumula o fechamento de 417,6 mil vagas no ano, sendo que no mesmo período do ano passado foram 269,1 mil cortes. Entre os subsetores do setor terciário, além da continuidade da destruição de empregos no Comércio (-226,0 mil em 2015 e -246,1 mil em 2016), uma grande piora foi verificada nos demais serviços, onde 171,4 mil postos de trabalho foram perdidos em 2016, sendo que no mesmo período do ano passado foram fechadas 43,0 mil vagas.

Já a Agropecuária apresentou a criação de 61,5 mil empregos no ano corrente. No entanto, a geração de empregos foi menor se comparada à verificada no mesmo período de 2015, quando chegou a 92,4 mil. Finalmente, mesmo com desempenho ainda muito negativo, a Indústria apresentou uma despiora no saldo de vagas, passando de uma destruição de 610,0 mil empregos em 2015 para uma perda de 395,7 mil em 2016.

O resultado menos negativo do setor secundário se deu em função da Transformação, que apresentou um saldo de vagas menos ruim (-134,3 mil em 2016 contra -320,3 mil em 2015). Entre as 24 atividades que a

compõem, 19 fecharam vagas nos dez primeiros meses de 2016, frente a 20 em igual período do ano anterior.

Da mesma forma que há uma defasagem de resposta do mercado de trabalho nas quedas da economia, o mesmo também vale nas retomadas. As projeções apontam para um cenário ainda adverso nos próximos meses. Mesmo com uma melhora da atividade econômica, a geração de empregos não responderá na mesma proporção.

Para o encerramento de 2016, nossas estimativas apontam para o corte de 1.419 mil postos de trabalho no Brasil, um resultado levemente melhor ao apresentado em 2015, quando 1.536 mil vagas foram destruídas. O setor mais afetado continua sendo a Indústria, que em 2015 fechou 1.062 mil vagas; para 2016, as estimativas indicam uma perda menor: 820 mil. No entanto, diferentemente da Indústria, os Serviços devem fechar 2016 com 612 mil vagas a menos, um resultado ainda mais negativo do que o registrado em 2015 (-482 mil).

Para 2017, considerando o nosso cenário base de pequeno crescimento da economia brasileira que pode chegar a 0,5% de avanço no PIB, a expectativa é de continuidade no fechamento de postos de trabalho, com menos 615 mil vagas. Portanto, a retomada na criação de empregos ainda não deve ocorrer em 2017. Melhoras consistentes na atividade econômica e, principalmente, nos investimentos, devem anteceder um ciclo duradouro de expansão no emprego.

Mesmo assim, o resultado projetado é melhor em relação ao observado em 2015 e também ao estimado para 2016. Entre os setores, a Indústria deve fechar 424 mil vagas, com um desfecho bastante negativo na Construção (-241 mil). Já nos Serviços, a perda de empregos deve chegar em 211 mil. A surpresa positiva pode vir da Agropecuária com a criação de 20 mil novos empregos em função do aumento de produção projetado para o próximo ano.

No cenário superior, ocorrendo uma surpresa positiva no crescimento econômico (+1,7%), a projeção é de criação de 237 mil empregos no país, quebrando a sequência de dois anos de saldo negativo. Vale destacar que mesmo no melhor cenário a expectativa é de fechamento de vagas na Construção do Brasil (-70 mil).

Por fim, no cenário inferior, que engloba a possibilidade de uma nova queda no PIB (-2,0%), o fechamento de postos de trabalho pode chegar aos 1.296 mil, representando o terceiro ano com perda de vagas acima da casa do milhão. Mesmo assim, é muita baixa a probabilidade de um resultado mais negativo que o de 2016 em termos de geração de empregos.

## Atividade industrial recua em outubro e renova recorde negativo

O resultado não descarta a expectativa de reação, que deverá ser, contudo, muito lenta, próxima da estagnação.

Os Indicadores Industriais do RS de outubro mostraram que a esperada melhora da atividade ainda não ocorreu: o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) caiu 1,0% em relação a setembro (com ajuste sazonal). Essa foi a segunda queda seguida do índice, que retomou a tendência negativa depois de um breve período de estabilidade nos quatro meses anteriores. Com isso, o índice renovou pela terceira vez em 2016 o recorde negativo da série iniciada em janeiro de 2003.

Em outubro, na comparação com setembro, feito o ajuste sazonal, com exceção do emprego, todos os indicadores continuaram em declínio, mesmo já tendo atingido níveis historicamente baixos. O faturamento real (-3,7%) apresentou redução expressiva, assim como as compras industriais (-1,5%). Na mesma base, as horas trabalhadas mostraram queda de 0,7% e a utilização da capacidade instalada (UCI), com ocupação média de 77%, recuou 0,2 ponto percentual. No mercado de trabalho, o emprego foi o único indicador que cresceu (+0,2%), enquanto a massa salarial real (-0,5%) voltou a cair. A tendência desses dois indicadores nos últimos meses, depois de um longo ciclo de queda, é de estabilidade.

Em relação ao mesmo mês do ano passado, o IDI/RS mostrou a 32ª contração seguida, de 7,3%, o que determinou uma redução de 6,7% em termos acumulados na comparação com o período de janeiro a outubro de 2015. Nessa métrica, todos os componentes do IDI/RS exibiram quedas, a maioria bastante expressiva: faturamento real (-11,7%), compras industriais (-7,5%), horas trabalhadas na produção (-5,9%) e a UCI (-0,5%). Diante desse cenário recessivo, o nível emprego industrial caiu 7,8% e massa salarial real, -9,0%.

De janeiro a outubro de 2016, o recuo da atividade atingiu 16 dos 17 segmentos industriais abrangidos pela pesquisa. Os destaques ficaram por conta dos desempenhos negativos de Máquinas e equipamentos (-11,9%), Veículos automotores (-11,6%), Produtos de metal (-10,5%), Móveis (-14,4%), Tabaco (-10,8%) e Alimentos (-3,1%).

Os Indicadores Industriais do RS de outubro mostraram que o setor segue em recessão profunda, influenciado, sobretudo, pelos níveis baixos de investimentos e consumo e pelo pequeno dinamismo das exportações. Nesse cenário, as taxas menos negativas e o “fundo do poço” (ainda a ser confirmado) depois de três anos de recessão são as melhores notícias, em linha com o desempenho da economia brasileira. A nova queda da atividade industrial não descarta a expectativa de alguma reação nos próximos meses, influenciada pela projeção de crescimento da economia nacional num quadro de base muito baixa, estoques ajustados, melhora na confiança, ociosidade elevada, juros e inflação declinantes. Esse processo, contudo, deverá ser muito lento, próximo da estagnação.

### Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

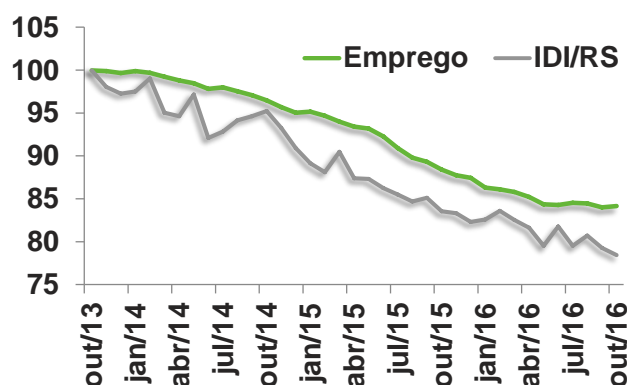
(Variações em % – outubro de 2016)

	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	-1,0	-7,3	-6,7
Faturamento real	-3,7	-18,6	-11,7
Horas Trabalhadas na produção	-0,7	-6,5	-5,9
Emprego	0,2	-4,8	-7,8
Massa salarial real	-0,5	-3,2	-9,0
Utilização da capacidade instalada	-0,2	-0,3	-0,5
Compras Industriais	-1,5	-6,4	-7,5

\* Dessazonalizado

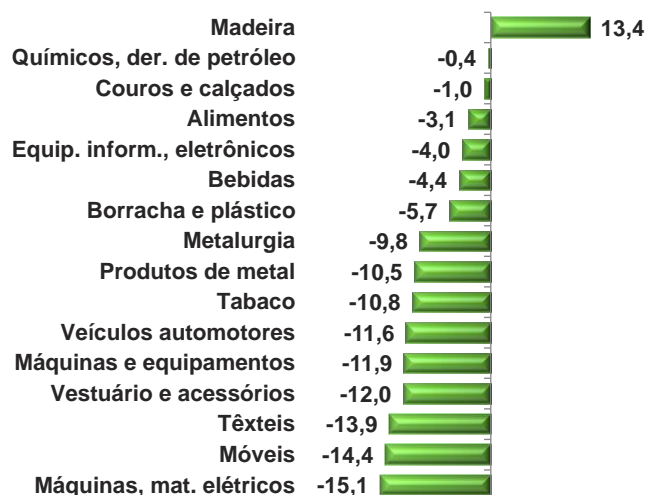
### Índice de Desempenho e Emprego Industriais - RS

(Índice base fixa mensal – Dessazonalizado - Out/2013 = 100)



### Índice de Desempenho Industrial – Setores

(Variação acumulada no ano – outubro de 2016 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.